

BRINDE AOS SRS. ASSIGNANTES

DA

FOLHA DE VILLA VERDE

5 DE JANEIRO



VISCONDE DA TORRE

1863-1891.





## BIOGRAPHIA

Não é de ha muito o inicio da vida publica do sr. Visconde da Torre; porém, n'esse curto prazo de tempo, tem-se tornado tão distincta e saliente que, já hoje, o seu nome é popular, cercado d'uma veneração e estima profunda.

E justo é que assim seja, porisso que poucos ha que ponham com mais empenho e vontade o seu prestimo ao serviço da causa publica; poucos, que com mais persistencia e actividade repartam os esforços e o seu valimento por todos quantos necessitam de protecção e auxilio.

Este concelho deve-lhe muitissimo e, nos ultimos annos, tem sentido poderosamente a benéfica influencia dos esforços empregados por s. ex.<sup>a</sup> para o conseguimento de melhoramentos importantes e, ainda, para obter collocação e trabalho para todos aquelles que d'elle se aceream, confiados no seu valimento e na sua extrema e excessiva bondade.

Da vida d'este prestante cavalheiro, por tantos titulos credor da nossa sympathia, vamos dar uns ligeiros traços biographicos que poderão fixar, ainda que de relance, a sua individualidade politica, e esclarecer sobre o seu character, intelligencia e serviços publicos.

\* \*

O sr. Visconde da Torre é filho do sr. Conselheiro Antonio Alberto da Rocha Paris, ex-governador civil do districto de Vianna, um dos honrosos politicos de mais preponderancia, representação e valimento, da provincia do Minho, e da ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria José d'Araujo Azevedo Vasconcellos Feio, senhora virtuosissima, descendente d'uma das familias mais nobres e consideradas d'este concelho.

Naceu em Vianna do Castello em 5 de Janeiro de 1863.

Herdou de seu respeitavel pae, o illustre titular, a perspicacia politica, a reflexão sensata e a inflexivel honradez de character, e de sua boa e extremosa mãe, os predicados de coração, os sentimentos religiosos e as mais altas noções de dignidade.

Foi por isso que, reconhecendo estas qualidades e adivinhando em seu sobrinho as virtudes e intelligencia precisa para honrar as tradições da nobre e antiga casa da Torre, em Soutello, seu tio, — sr. João Feio de Magalhães Coutinho (13.<sup>o</sup> senhor do Morgado de Santo Antonio da Torre, em Soutello, o 9.<sup>o</sup> da Casa das Carvalheiras, de Braga, e o 11.<sup>o</sup> de S. Bento, de Prado, e 1.<sup>o</sup> Visconde da Torre) fallecido em 11 de Março de 1885, — o deixou com orgulho seu herdeiro e seu representante.

Senhor d'uma das primeiras fortunas d'estes sitios e possuidor d'um titulo que se impõe a todos que relembram com gratidão os beneficios importantes prestados ao concelho de Villa Verde pelo 1.<sup>o</sup> Vis-

conde da Torre e por seu irmão o sr. Antonio Feio de Magalhães Coutinho, Barão de Soutello, o nosso illustre biographado, nem por um só acto da sua vida, se tem tornado menos digno do glorioso encargo que seu saudoso tio lhe legara.

Tem sabido honrar, com o seu proceder fidalgo e com um cavalheirismo inexcedivel, as tradições do titulo que usa.

Casando a 23 de Maio de 1885 com a ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Candida Malheiro Reyvão Telles de Menezes e Sá, da nobre casa da Praça, de Vianna do Castello, o sr. Visconde da Torre, veiu logo em seguida estabelecer a sua residencia no solar de Soutello.

Uma vez com residencia n'este concelho, possuidor d'uma esplendida fortuna, e tendo-se unido a uma senhora toda cheia de virtudes e bondades, que o extremoco e que sabe honrar o nome das antigas fidalgas da casa da Torre, desde então, principiou s. ex.<sup>a</sup> a interessar-se pelo bem d'este concelho e a entrar activamente na vida politica, revelando dentro em pouco as qualidades brilhantes de politico habilissimo, d'um futuro cheio d'esperanças, e promessas sorridentes.

Quando se debatia, energicamente, a desannexação de Guimarães, o sr. Visconde da Torre foi um dos que mais defendeu a integridade do districto de Braga. Foi então que s. ex.<sup>a</sup> em differentes reuniões publicas, mostrou o quanto valia o sua palavra apaixonada, entusiastica, vibrante, cheia de mocidade e de vida.

Assim, n'um comicio realisado n'esta villa, em 13 de Fevereiro de 1886, em que estavam mais de seis mil pessoas, o sr. Visconde da Torre fez um discurso que causou um enorme entusiasmo e lhe mereceu uma extraordinaria e bella manifestação. Na noite d'esse mesmo dia, n'uma reunião da Associação Commercial, em Braga, dando parte das resoluções tomadas no comicio de Villa Verde, fallou bastante tempo, em phrase correcta, vigorosa e arrebatada.

Sobre esta grave e importante questão já tinha fallado na mesma Associação Commercial em 27 de Janeiro, e em 9 de Fevereiro, na casa da Camara d'este concelho.

A sua palavra foi sempre ouvida com agrado e nunca lhe faltaram os applausos sinceros e vehementes.

Em 14 de Novembro de 1886 foi eleito pela primeira vez presidente da camara d'este concelho, cargo que tem occupado com incomparavel zelo e dedicação, tendo sido, ainda, ultimamente, reeleito nas passadas eleições.

Como presidente do municipio, são immensos os beneficios que o concelho de Villa Verde lhe deve, sendo, entre outros, as construcções das estradas de Cervães e Rio Mau, a grande redução feita na percentagem sobre as contribuições do Estado, etc. etc.

Sahiu deputado, pela primeira vez, em Março de 1887, pelo circulo de Valença e Villa Nova de Cerveira, e da segunda vez por este circulo nas penultimas eleições geraes.

Como deputado manifestou logo seu talento, entrando na discussão do projecto da resposta ao discurso da coroa, na sessão de 13 de Março de 1888, mostrando-se um orador distincto, um espirito illustrado e esclarecido.

Estes discursos, já publicados na *Folha de Villa Verde*, e adiante novamente reproduzidos, seriam, só por si, o bastante para evidenciarem a intelligencia e as qualidades distinctas d'orador do nosso biographado.

N'uma sessão de Maio e na de 1 de Junho de 1887, já havia tratado com muita proficiencia a questão agrícola, defendendo vigorosamente os interesses da nossa agricultura.

E foi certamente pelo muito cuidado e empenho com que o sr. Visconde da Torre tem tratado e defendido as questões agricolas que o governo o nomeou em Fevereiro do ultimo anno, vogal da junta promotora dos melhoramentos agricolas da 1.<sup>a</sup> região agromonica, na vaga do sr. dr. José Maria Rodrigues do Carvalho.

Como deputado conseguiu junto do governo, para este concelho: os lanços de estrada, em construção, de Vianna a Villa Verde entre a Ponte dos Corvos e a Portella das Cabras, (melhoramento valioso

para os povos da fertilissima região da Ribeira de Penella), e da Ponte do Bico á igreja de Soutello, e a classificação e estudos das estradas de Freiriz á Portella das Cabras; de Villa Verde a Nossa Senhora das Neves (em Amares); e da Ponte dos Corvos a ligar no sitio da Portella do Vade, pela Ribeira de Penella.

Estas estradas, umas em construção e outras estudadas e a entrarem na primeira empreitada geral do districto, dão bem a conhecer o quanto tem feito pelos progressos d'este concelho o sr. Visconde da Torre que, mesmo antes de lhe terem conferido o diploma de deputado os povos de Villa Verde, era já o valente propugnador dos seus engrandecimentos.

Aqui ficam resumidamente, com toda a singeleza, os traços mais geracs da carreira publica de quem apesar de se haver mettido n'ella ha, quando muito, quatro annos, tem no emtanto, n'essa carreira, phases brilhantes, cheias de gloria, cheias de triumphos evidentes e invejaveis.

O moço escriptor, que aos 16 annos publicava um drama prefaciado por Pinheiro Chagas (*Os Preconceitos*), que era a revelação d'um talento cheio de esperança, o jornalista, que muito pouco depois fundava e redigia o *Pera Gallego*, collaborava no *Diario do Minho*, na *Folha de Villa Verde*, na *Correspondencia do Norte* e em muitos outros jornacs, deu um politico cheio d'aspirações nobres, com uma intelligencia superior e um criterio de rarissimo valor.

## DISCURSOS PARLAMENTARES

Publicando e offerecendo como brinde aos nossos estimaveis assignantes os discursos parlamentares do illustre Visconde da Torre, cujo anniversario hoje decorre, entendemos mimoseal-os com uma joia de subido valor para quantos conhecem e apreciam os talentos do novel titular, ao mesmo tempo que, mais uma vez, pomos em relevo,—n'este dia de seus annos,—a alta devoção e proficiencia com que o talentoso deputado e distincto orador, fazendo sua estreia parlamentar, tractou e discutiu questões do mais vital interesse para a nação.

Pondo toda a vastidão da sua intelligencia e toda a dedicação da sua alma ao serviço da patria, o sr. Visconde da Torre, apenas levado pela vontade popular ao seio da Representação Nacional, não foi, felizmente, dos que emudecem perante os momentosos problemas d'interesse publico e deixam correr as sessões, na triste e subserviente attitude de carneiros de Panurgio, vivendo a fazer, apenas, politica de *campanario*.

O que S. Ex.<sup>a</sup> foi no parlamento dizem-nol-o seus discursos, profundos no conceito, e chãos e claros na fórma, para cuja critica desenvolvida nos fallece tempo e competencia.

Foi um valente e denodado campeão, que, entrando com afoiteza na liça, soube defrontar-se com atletas adestrados e illuminar com os lampejos da sua viva e poderosa intelligencia os themas em que se exercitou a sua palavra eloquente.

Quem tão moço ainda se alicou a tal renome, deixa conceber bem fundadas esperanças de que, na galeria dos nossos primeiros vultos parlamentares, abrir-se-á com justiça facil accesso ao seu nome, que sendo, como é, possuidor d'um formoso talento, tem ainda, a sobre-doural-o, os dotes preexcellentes d'um honestissimo caracter.

E são estas a nosso vêr, as duas alavancas do engrandecimento d'um homem publico: espirito esclarecido e caracter bem formado.

Os nossos assignantes agradecer nos hão por certo o delicado brinde que lhe offertamos, que são as primicias parlamentares do nosso primeiro concidadão, do honrado e respeitavel titular, cuja vida, toda devotada ao bem do paiz e ao engrandecimento d'esta terra, bem merece as commemorações festivas, as saudações sinceras que modestamente lhe envia a

## Discurso ácerca da questão agricola

Sessão de 10 de Maio de 1887

Pedi a palavra para mandar para a meza uma representação da camara municipal de Villa Verde, na qual se chama a attenção dos srs. deputados para as difficuldades com que está lutando a classe agricola do paiz.

A importancia d'este assumpto prova se, sr. presidente, pelos muitos clamores que a este respeito se vão erguendo e dos quaes já tem sido ecco n'esta casa as vozes auctorizadas dos srs. Oliveira Martins, D. José de Saldanha, Teixeira de Vasconcellos e de outros illustres deputados.

Pela minha parte, reputo-o tão importante e tão grave, que não só chamo para elle toda a attenção do governo, mas ainda, apesar da minha obscuridade, oso pedir á camara aquella *pax Dei*, que ha dias o sr. Oliveira Martins, com toda a auctoridade do seu nome e com todo o prestigio do seu talento, solicitava dos differentes partidos politicos, para assumptos igualmente importantes e que, como este, devem ser completamente alheios ás contendas partidarias. (*Apoiados.*)

Sr. presidente, a situação da classe agricola do paiz está longe do ser prospera. Todos os espiritos, ainda os menos pessimistas, principiam a preocupar-se com este estado de cousas e pôde afortunadamente dizer-se que já não ha quem receie pelo dia de amanhã! (*Apoiados.*)

De um lado os cereaes estrangeiros, invadindo os nossos mercados, amesquinham os productos nacionaes que não podem competir com os que fornece a exuberancia das terras quasi virgens da America; do outro lado os nossos vinhos, que ainda o anno passado tiveram uma larga exportação, já este anno não gosaram igual beneficio, (*Apoiados*) e estão sendo vendidos por preços relativamente modicos e que mal compensam os trabalhos e despezas da cultura. (*Apoiados.*)

A industria da criação e engorda do gado, que chegou entre nós a ser importante, será em breve uma industria morta, como já é improductiva.

A isto, a estes males, acresce, sr. presidente, a falta de braços para a agricultura, falta que provém da emigração e emigração que é feita com aquelle impudor tão realistamente descripto pelo administrador de Mondim de Basto, no relatorio que o meu illustre amigo o sr. Oliveira Martins ha dias leu á camara. (*Apoiados.*)

N'estas condições, sr. presidente, niuguem poderá dizer que a situação da agricultor é realmente prospera e invejavel, tanto mais quanto é certo que sobre a propriedade recaem encargos onerosos (*Apoiados*) e que é sobre ella que, directa ou indirectamente, incide o maior numero de impostos. (*Apoiados.*) E' por isso, sr. presi-

dente, que eu chamo toda a attenção do governo e da camara para este assumpto, que não é de *campanario*, mas de todos os *campanarios*, isto é, de todo o paiz. (*Apoiados.*)

Nem v. exc.<sup>a</sup>, sr. presidente, nem a camara, nem o governo ignoram o quanto seria calamitosa entre nós a crise agricola, perfeitamente accentuada.

Ramificar-se-hia tristemente e iria perturbar todo o equilibrio das nossas industrias, do nosso commercio! (*Apoiados.*)

Não é minha idéa tratar agora largamente este assumpto. V. exc.<sup>a</sup> comprehende que não é de certo este o momento opportuno para isso. A camara tem pressa de entrar na ordem do dia. Reservo-me para, quando elle se tratar aqui mais largamente, no seu todo ou em algumas das suas partes, emittir a minha destaliosa mas honesta opinião.

N'este momento desejava mesmo abster-me de indicar os remedios que se me afiguram urgentes para tão grave mal.

Todavia direi, sr. presidente, que sei bem que os chamados impostos protectores estão condemnados pelos mais modernos e parventura mais sãos principios de economia politica, mas tambem sei que muitas nações se tem visto obrigadas a lançar mão d'elles, não em grau exaggerado, como remedio doloroso talvez, mas remedio contra o delinhamento do seu commercio, das suas artes, das suas industrias, da sua agricultura. (*Apoiados.*) E entre nós justificam-se mais quanto é certo que o consumidor não tem lucrado com o prejuizo do productor, (*Apoiados*) pois a verdade é que os generos mantem para aquelle os mesmos preços, se não mais elevados, que tinham ha annos, quando o proprietario vendia os seus productos. É um facto extraordinario, mas é um facto que prova que a pratica nem sempre confirma a theoria.

Terminando, re-la me declarar que tenho plena confiança no governo e na camara. No governo, porque lhe deve merecer todo o interesse esta questão, e porque tenho na mais elevada conta as aptidões do cavalheiro que está gerindo a pasta, a cujo cargo estão os assumptos agricolas. Na camara, porque em ambos os lados d'ella vejo cavalheiros intelligentes, a alguns dos quaes o assumpto interessa directamente, porque são proprietarios e agricultores. (*Apoiados*) N'elles confio, pois, esperando que sejam attendidos os rogos e reclamações da digna camara municipal que me honrou com a grata tarefa de transmittir a esta camara a representação que mandei para a meza e que me deu occasião de advogar aqui, desprimorosa mas convictamente, uma boa causa.

## Continuação da questão agricola

Sessão de 1 de Junho de 1887

Senti que hontem a ordem da inscripção me não permittisse fazer algumas considerações ácerca das palavras aqui pronunciadas pelo nobre ministro das obras publicas e pelo illustre deputado o sr. D. José de Saldanha, sobre a questão agricola, questão que

na presente sessão legislativa eu fui dos primeiros a levantar n'esta casa.

Julgo do meu dever realisar hoje o que hontem não pude fazer, e julgo, sr. presidente, para mim tanto mais imperiosa esta obrigação, quanto é certo que,

tendo eu a honra de militar nas fileiras da maioria, não desejo que se supponha que a minha voz emudeceu n'um assumpto que tomo tanto a peito, por considerações politicas de qualquer ordem, considerações que seriam injustificaveis n'uma questão, como esta, aberta para todos os partidos, (Apoiados.) onde todas as opiniões teem logar, onde todos os esforços são bem vindos, (Apoiados.) onde todas as vozes, ainda as menos auctorisadas, e n'este caso está sem duvida a minha, teem valor, quando representam uma opinião sincera.

Affirmando pois, sr. presidente, o proposito em que estou, de não largar de mão tão importante assumpto, promettendo trazer-o a esta casa tantas vezes quantas sejam as precisas, principio por declarar que concordo com quasi todas as considerações aqui feitas pelo sr. D. José de Saldanha, sem deixar, todavia, de reputar correcta e prudente a declaração aqui feita pelo nobre ministro das obras publicas, de não querer comprometter immediatamente a sua opinião sobre materia tão importante.

Effectivamente, sr. presidente, peor que os males que actualmente soffre a agricultura, só havia uma cousa: — uma resolução impensada sobre tal assumpto, (Apoiados.) que fosse tomada *a la legère*, sem um previo e completo estudo da questão, sobre a qual é preciso ouvir todos os pareceres e consultar todas as opiniões. (Apoiados.)

O problema agricola é melindroso e complexo; é necessario que a solução d'elle seja a melhor, e como tal considerada, não direi por todos, que isso era impossivel, mas pelo maior numero.

Mas, por isso mesmo que eu concordo com esta declaração do sr. ministro das obras publicas, permitta-me s. ex.<sup>a</sup> que lhe diga, á boa paz, que discordo completamente de algumas opiniões por s. ex.<sup>a</sup> emitidas sobre este assumpto. (Apoiados.)

Assim, por exemplo, diz s. ex.<sup>a</sup>, apoiando-se na opinião, aliás auctorisada, do sr. Devolle, ex-ministro da agricultura em França, que o principal mal para a agricultura provém da falta de instrucção scientifica.

Não concordo com isto. Acho bom o ensino profissional, não sou contrario a elle, apoiaria até a criação, em quasi todas as capitães de districto, de escolas onde se ensinasse simples rudimentos de agricultura; mas, sr. presidente, estou muito longo de acreditar que a criação de escolas agricolas seja o remedio prompto, immediato, energico a oppor ás difficuldades com que lucta a classe agricola.

Nem a origem de taes difficuldades vem da falta de educação scientifica, porque a verdade é que, se os processos agricolas em alguns pontos do paiz são rotineiros, é porque não podem ser outros, pela natureza especial do solo, do clima, das culturas, de mil circumstancias. Quando alli algum proprietario mais arrojado e emprehendedor sae da rotina e emprega processos novos, o resultado é sabido, perde sempre e volta para os velhos usos.

Mas, sr. presidente, eu não sei como o sr. ministro das obras publicas possa attribuir a crise agricola á falta de educação scientifica, e ao mesmo tempo confesse que essa crise não affecta só Portugal, mas toda a Europa.

Pois que? Haverá pouca educação scientifica na Alemanha, na Belgica e sobretudo na Inglaterra, onde os processos agricolas são chegados a um grau de perfeição que nós nunca atingiremos? (Apoiados.)

De certo que ninguém dirá tal. E todavia lá, como muito bem disse o sr. ministro das obras publicas, a crise agricola faz-se sentir, se bem que muito menos que outro nós.

Que devemos pois concluir? Que não é da falta de educação scientifica que vem o mal. Lá, como aqui, o motivo das difficuldades agricolas é a importação dos cereaes americanos e ainda dos da Australia e da India, (Apoiados.) com os quaes não podem competir em preço os europeus. (Apoiados.)

Pela minha parte, sr. presidente, julgo que o unico remedio effcaz, e de immediatos resultados para tão grande mal, é a criação de impostos protectores. (Apoiados.)

Sou proteccionista, declaro-o sem reboço. E n'esta questão dos cereaes o proteccionismo, sr. presidente, impõe-se aos olhos de todos como uma necessidade indeclinavel, (Apoiados.) e justifica-se em Portugal como em nenhuma outra nação. (Apoiados.)

Trazendo para aqui o exemplo da França, o nobre ministro das obras publicas diz que n'aquelle paiz o imposto sobre cereaes estrangeiros, apesar de ter sido augmentado, ainda não attinge a elevação do nosso.

Daqui, quererá s. ex.<sup>a</sup> concluir que em Portugal não se deve augmentar esse imposto?

Mas, sr. presidente, eu tiro conclusões diametralmente oppostas a essa, porque nem as nossas condições economicas são iguaes ás da republica franceza, nem lá se accentua a crise agricola como entre nós. (Apoiados.)

O que vou buscar á affirmação do nobre ministro é o exemplo que a França nos fornece, (Apoiados.) não hesitando, apesar dos seus variados recursos, apesar da opulencia das suas industrias, bem differente da miseria das nossas, (Apoiados.) não hesitando, dizia, em adoptar o proteccionismo para salvaguardar a sua agricultura. (Apoiados.)

E de passagem lembrei ao sr. ministro das obras publicas que o sr. Devolle, apesar de attribuir á falta de educação scientifica os males da agricultura, foi o principal, o mais ardente, o mais energico propugnador do augmento dos direitos de importação em França.

O nobre ministro parece tambem preocupar-se muito com o prejuizo que ao consumidor póde advir do augmento de imposto sobre cereaes estrangeiros.

Não ha motivo para receios. Entre nós, sr. presidente, ha muitos annos que o preço do pão não sustenta relação alguma com o preço do trigo. (Apoiados.) Não é uma affirmação gratuita esta, é uma verdade incontestavel. (Apoiados.) São as estatisticas que o demonstram. Eu passo a ler á camara alguns dados estatisticos, que eu não colhi, mas que foram publicados por um distincto escriptor n'um jornal agricola muito apreciado, sem que ninguém contestasse a veracidade d'elles.

(Lcu.)

Por aqui se vê, sr. presidente, que em Março de 1872 custava e alqueire de trigo, em Lisboa, 530 réis, e o meio kilo de pão 50 réis; em Outubro do mesmo anno sobe o preço do alqueire de trigo a 600 réis; o preço do meio kilo de pão, longe de subir, desce a 45 réis. Em Março de 1874 desce o trigo de 790 réis a 550 réis; o pão conserva todavia o mesmo preço, de 45 réis, até Novembro do mesmo anno, em que sobe a 50 réis, e n'esse preço fica até 1877, apesar de, durante esse periodo, os preços do trigo variarem desde 535 réis até 680 réis.

De 1877 para cá o preço do trigo tem baixado sempre, sendo a media annual do 1886 o preço de 455 réis por alqueire.

Pois apesar d'isso o meio kilo de pão custa em Lisboa os mesmos 45 réis, que custava em 1873, quando o alqueire de trigo custava 720 reis.

Isto o que prova, sr. presidente? Prova que ha uma classe que aufere lucros exagerados, que se lo-cupleta com os prejuizos do productor sem ter em nenhuma conta o beneficio do consumidor. (*Muitos apoiados.*) Prova que ha industrias que se não contentam com lucros rasonveis (*Apoiados*) e que folgam com a decadencia da agricultura. (*Apoiados.*)

Pois é contra estes que eu me insurjo, (*Apoiados*) é contra este monopolio que todos os proprietarios se devem insurgir. (*Muitos apoiados.*)

Eu sei que se pôde dizer:—Mas essas industrias habituadas a lucros exagerados, prescindirão d'elles?

Terão os que as exercem o sufficiente patriotismo para, augmentado que seja o imposto de importação, abdicarem de parte dos seus lucros, ou que-rerão continuar a auferir-los, sobrecarregando o consumidor?

N'este caso, sr. presidente, podem as camaras municipaes remediar o mal, estabelecendo ellas proprias fabricas de moagens e padarias, (*Apoiados*) da mesma sorte que muitas vezes tem estabelecido talhos e açongues quando os marchantes elevam os preços da carne. (*Apoiados.*)

Parece-me ter provado, sr. presidente, que, entre nós, os impostos protectores podem beneficiar os productos nacionaes, sem onerarem o consumidor. Os unicos prejudicados são os que actualmente fazem propaganda contra elles, os donos das fabricas de moagens, (*Apoiados.*) que auferem lucros que nem são rasonveis nem justos. (*Apoiados.*) Não se arreceie d'elles o governo.

Mas, sr. presidente, a questão agricola tem ainda outros lados a encarar. A industria da criação e engorda do gado vaccum é outro ramo importante d'esta questão e é preciso que sobre elle recaia tambem a attenção dos poderes publicos. (*Apoiados.*) Actualmente pôde dizer-se que essa importante industria está perdida. E porque? Já aqui o disse o illustre ministro das obras publicas. Porque a exportação para Inglaterra cessou, augmentando, ao contrario, a importação de Hespanha. A Inglaterra fecha os seus portos aos nossos gados porque nós, em virtude de um tratado de commercio celebrado ha annos, temos as nossas fronteiras francas para os gados de Hespanha, e a Inglaterra não confia na saude d'elles. Não tratarei agora de saber quem fez esse tratado; não indagarei se as responsabilidades d'elle são do partido progressista, se do regenerador. Basta-me saber que elle é mau e que é preciso modificá-lo. (*Apoiados.*) Ouvi que elle terminava brevemente. Eu peço ao governo, e sobretudo ao illustre ministro dos negocios estrangeiros, que sinto não vêr presente, que empregue todos os esforços afim de que o tratado seja modificado, (*Apoiados.*) contribuindo assim para a melhoria das condições do lavrador, do pequeno proprietario, do rendeiro, a quem outr'ora aquella industria muito favorocia em seus interesses. (*Apoiados.*)

Outro ramo da questão agricola é a exportação dos nossos vinhos. Convém que o governo procure por todos os meios fomental-a. Lembrou o illustre deputado o sr. Avellar Machado, que se fizesse exposições permanentes de vinhos portuguezes em algumas capitães da Europa, afim de os tornar conhecidos. Acho excellente a ideia e associo-me completamente a ella. Parece-me todavia que ha outro meio de proteger essa exportação. Esse meio consiste em a vigiar cuidadosamente, impedindo por todas as fórmas que a especulação torpe vá aos mercados estrangeiros prejudicar-nos. (*Apoiados.*) É mister olhar seriamente para isto, afim de que productos adulterados não vão lá fóra desacreditar os genuinos. (*Apoiados.*)

Sr. presidente, bastantes vezes se tem dito aqui que esta questão não é politica, nem como tal deve ser considerada. De resto creio ser esta a opinião de toda a camara. (*Apoiados.*)

Largo campo ha ali para as luctas, nem sempre proficuas, da politica partidaria. Não faltam assumptos onde affirmar principios e onde dirimir contendas politicas. Arranquemos pois á voragem do faccionismo partidario este assumpto, que em si contém a questão mais importante que se pôde ventilar no seio de uma sociedade. (*Apoiado.*) Associe-mos pois, n'um esforço nobre em prol do paiz, e acreditemos que não ha assumpto em que melhor se possa manifestar o nosso patriotismo. (*Apoiados.*) Surjam todas as opiniões, appareçam todos os alvitres, porque é da reunião d'elles que a verdade ha de sahir. (*Apoiados.*)

Pela minha parte, sr. presidente, honro-me em declarar que durante a minha curta vida politica nunca me esqueci de que era partidario. Tratando aqui este assumpto, eu só me lembro de que o sou pelo desejo vehemente, sincero que tenho de que o ministerio que se senta n'aquellas cadeiras, e que merceo o meu apoio, vinculo a sua honrada gerencia a uma medida protectora da agricultura, porque sei que tal medida acerretará sobre elle e sobre o partido de que sou o mais obscuro soldado, o applauso sincero e unanime do paiz. (*Muitos apoiados.*) Espero confiadamente que o nobre ministro das obras publicas ha de empregar para este fim os vastos recursos da sua intelligencia e do seu saber.

Quanto a mim, declaro-o francamente á camara, seria para o meu coração um grande pesar e para o meu espirito uma enorme desillusão, se visse passar pela pasta das obras publicas um homem que se chama Emygdio Navarro, a cujos talentos eu presto a mais respeitosa homenagem, e por quem tenho uma grande estima pessoal, sem deixar n'este ramo dos serviços que estão a cargo do seu ministerio, um traço d'aquella energia, a um tempo viril e bondosa, que constitue a feição mais sympathica do seu caracter. (*Apoiados.*)

Tenho dito.

Vozes:—Muito bem, muito bem.

## Na discussão da resposta ao discurso da coroa

Sessão de 13 de Março de 1889

Começo por ler a minha moção de ordem que é a seguinte:

«A camara, considerando que o governo tem em-

pregado a maxima solicidade e zelo na administração do paiz, afirma a sua confiança politica no gabinete, e continua na ordem do dia.—Visconde da Torre.»

E' a primeira vez, sr. presidente, que tenho a honra de tomar parte n'esta camara em um debate politico e, francamente confesso a v. ex.<sup>a</sup> que não é nas melhores condições para a exiguidade dos meus recursos, que tal ensejo se me depara.

A hora vae adiada, a sessão foi prorogada e a camara está desejava de pôr fim a esta discussão, que ha onze dias foi encetada.

Além d'isso a ordem da inscripção obriga-me a falar depois do brilhante discurso pronunciado pelo talentoso deputado o sr. Jacinto Candido, e esta circumstancia, se é grata para o meu coração, porque dá ensejo de saudar aqui um dos mais brilhantes talentos d'esta casa (*Apoiados*) que ao mesmo tempo é para mim um dos melhores amigos que n'ella tenho, vem todavia dificultar notavelmente a minha tarefa porque me obriga a cruzar as minhas modestas armas de recruta parlamentar, inexperienced e obscuro, com a espada, não antiga mas já gloriosa, do illustre deputado a quem tenho a honra de responder.

E eu, que em quaesquer circumstancias teria de solicitar toda a benevolencia da camara, sinto agora precisar de tanta que não sei se ella, apesar da sua provada generosidade para com os que principiam, me poderá conceder tanta quanto eu careço.

Como, porém, quando a lucta é renhida e quando o combate é acceso, é que têm acceitação os esforços dos humildes, julgo que haverá agora lugar para a minha obscuridade, visto que a guerra santa está declarada e que a opposição ou, melhor, as opposições colligadas, empregam todos os esforços, queimam o ultimo cartucho no intuito de obrigar o governo a fazer o que elle não poderia fazer sem faltar absolutamente ao que deve a si, ao paiz, á corôa, ao seu partido, demittir-se. (*Apoiados*.)

Que a guerra santa está declarada, tudo o demonstra, tudo o affirma.

Aqui é ella annunciada já pela voz eloquente do sr. Lopo Vaz, já pela palavra fluente e correcta do sr. Marçal Pacheco, já pela argumentação vigorosa e enérgica do sr. João Pinto dos Santos, já pela oratoria tão democratica na essencia e tão finamente aristocratica na forma, do sr. Consigliere Pgdroso.

Lá fóra esse grito bellico tem outros não tão nobres nem tão elevados, mas nem por isso menos esforçados.

Vem pela voz da imprensa partidaria, mais exaltada que justa, mais apaixonada que verdadeira (*Apoiados*.) vem pelo alar com que em toda a parte se procura organizar *meetings* que a maior parte das vezes são apenas verdadeiros *tours de force* partidarios, (*Apoiados*.) vem pela grande quantidade de representações que a opposição provincial exporta, collaborando quotidianamente no *Diario das Sessões* d'esta casa!

Na sua qualidade de maioria não tem este lado da camara, é certo, o direito de regular as condições do combate, mas, se não tem esse direito, assiste-lhe todavia um dever que elle não declina, que não declinará já-mais, o de acceitar o encontro em qualquer campo, em quaesquer circumstancias que elle for posto, lançando-se no combate com toda a força do seu valor, com todo o valor da sua fé partidaria. (*Muitos apoiados*.)

Nem sequer nos é dado olhar para o campo contrario, a ver se as ballas que de lá nos mandam são fabricadas com o mais fino bronze...

Eu não desejava, sr. presidente, ultrapassar as funções do posto que a inscripção naturalmente me indicou; desejava apenas responder ao illustre deputado que me precedeu, mas permita s. ex.<sup>a</sup> que, muito á boa paz, lhe diga que s. ex.<sup>a</sup> não disse nada novo, repetiu apenas os argumentos e accusações mil vezes feitas por esse lado da camara, e que outras tantas tem encontrado prompta, enérgica e cabal resposta da parte da maioria! (*Apoiados*.)

Que tenho eu pois a fazer, visto que o illustre deputado se limitou a reproduzir a accusação? Resta-me reproduzir a defeza.

Simplemente, se já o foi com tanto, nunca a accusação foi posta com mais brilho, com mais talento; a defeza, bem ao contrario, nunca foi nem será mais desprimorosamente adduzida do que o vae ser por mim. (*Não apoiados*.)

O primeiro ponto do discurso do illustre deputado referiu-se á agitação publica. Eu já o esperava. Tem sido esta a base da discussão de todos os oradores opposicionistas.

O paiz está sobre um vulcão,—dizem; a provincia ruga ameaçadora,—proclamam; legiões de indignados marcharão um dia d'estes sobre Lisboa, pedindo a cabeça do ministerio,—noticiam! Já houve até, no decorrer d'este debate quem, por um esforço rethorico que eu admiro, comparasse este periodo bonançoso e sereno que vamos atravessando, a uma epocha mais ou menos agitada que precedeu a grande revolução franceza. (*Riso*.)

Conheço sufficientemente a provincia, residio até justamente no ponto onde se diz que a agitação é maior e o descontentamento contra o governo mais intenso, ainda ha pouco lá estive e francamente não só não vi essa agitação nem dei por esse descontentamento, mas até trouxe de lá a convicção que onde menos noticia havia a respeito dos graves acontecimentos do Minho era na proprio Minho... (*Apoiados*.)

Mas tambem a opposição noticia que no Porto reina grande animadversão contra o governo.

Para mim, sr. presidente, não foi preciso que os dois *meetings* que ante-hontem se realizaram n'aquella laboriosa cidade me viessem provar exactamente o contrario (*Apoiados*); para eu ter a convicção de que o Porto estava ao lado do governo, como ha muitos annos está ao lado do partido progressista, bastava-me a eleição de delegados ao collegio eleitoral que por sua vez tem de eleger o par do reino por aquella cidade. (*Muitos apoiados*.)

Essa eleição, ha oito dias realisada, e em que tomam parte os quaranta maiores contribuintes prediaes e industriaes, cavalheiros que pela sua posição e independencia se não podem suspeitar debaixo da influencia do governo, essa eleição, dizia eu, recabindo em honradas membros do partido progressista, é altamente significativa (*Apoiados*.) e dá hem a medida do tal descontentamento do Porto.

*Tumultos e meetings* eis, segundo a opposição, as duas manifestações da agitação do paiz, deante da qual o governo deve abandonar o poder.

Ora eu não nego a existencia dos tumultos, como a não negou o sr. Carlos Lobo d'Avila, como a não negou o sr. dr. Laranjo; a este respeito creio que não ha entre os differentes oradores da maioria aquella contradicção que o sr. Jacinto Candido viu.

Nenhum de nós nega que tenha havido tumultos, todos estamos de accordo em que os houve, mas o que tambem aquelles meus illustres collegas asseveraram e eu confirmo, é que a causa d'elles é tão alheia á acção governativa que custa a comprehender como se possa imputar ao governo quaesquer responsabilidades por esses tumultos. (*Apoiados*.)

E, demais em que tempo e sob que governo não tem havido tumultos? (*Apoiados*.)

Em que paiz os não ha?

Recorde-se, o illustre deputado, da Belgica e dos enormes tumultos que ali houve por occasião das *grèves*. (*Apoiados*.)

O governo belga teve de empregar a força publica para manter o imperio da ordem e todavia não houve quem se lembrasse de lhe pedir que, por tal motivo e em tal momento, se retirasse dos hancos do poder. (*Apoiados*.)



Em todos os paizes ha tumultos, sr. presidente; o que me parece que é exclusivamente d'este paiz, o que me parece que em mais parte alguma ha, é uma opposição que pede a um governo que se retire porque ha tumultos! (Apoiados)

Os *meetings* são a outra fôrma da agitação. Eu, sr. presidente, tenho amor muito moderado por essa arma de combate, mas não lhe posso negar a importancia em certos e determinados casos.

Acho, sobretudo, que elles são importantes quando repellem de si qualquer idéa partidaria e significam apenas o protesto colectivo de uma classe que soffre.

Compreendo, por exemplo, a importancia dos *meetings* em Inglaterra, quando milhares de miseraveis, sem convocação, sem programma, se reúnem para, d'um rugido temeroso, pedirem á sociedade que os esmaga o pão que lhes falta. (Apoiados. — Vozes: — Muito bem.)

Entre nós comprehendo ainda a importancia dos *meetings* das duas cidades de Braga e Guimarães, quando um erro deploravel do governo regenerador, poz em jogo os interesses d'aquellas duas cidades. (Apoiados)

Ahi não havia a idéa partidaria, havia a reunião de homens de todos os partidos, de todas as classes sociais que se reúnem para defender energeticamente os interesses e os brios das suas terras

Mas que paralelo pôde haver entre os *meetings* do que acabo de fallar e esses que ahi se estão realisando, no meio da indifferença do paiz, e que se dizem contra o marcha do governo?!

Meros agrupamentos de partidarios. (Apoiados.) simples theatros de uma indignação postiça. (Apoiados.) que ás vezes leva muito tempo e dá muito trabalho para arranjarem, taes *meetings* são apenas reuniões de partido, o têm o valor de simples reuniões de centros opposicionistas. (Apoiados.)

E e em nome d'isto que se convida o governo a sair do poder, a entregar as pastas á opposição!!! E' em nome da chamada agitação que todos os oradores intimam o gabinete a que se demitta!

E' esta a peroração obrigada de todos os oradores opposicionistas: «o governo deve sair porque ha agitação no paiz».

A é o sr. Consiglieri Pedroso fez esta intimativa ao ministerio, acrescentando, como para dar maior força ás suas palavras, a declaração de que era insuspeito, por isso que não militava em nenhum dos partidos monarchicos, sendo-lhe, portanto, indifferente que estes ou aquelles estivessem á frente dos negocios publicos.

Ora permita s. ex.<sup>a</sup> que eu lhe negue essa qualidade de insuspeito.

O illustre deputado não é insuspeito.

S. ex.<sup>a</sup> é partidario d'uma propaganda que eu respeito, mas que tendo tudo a lucrar com os erros dos partidos monarchicos, estimará de certo muito que este governo seja substituido por um governo regenerador.

De resto é uma questão de gratidão.

Os republicanos são filhos dos regeneradores.

(Humores.)

Mas certamente!

Os illustres deputados admiraram-se?!

Pois não sabem que foram os erros do partido regenerador que deram o ser ao partido republicano em Portugal?!

Uma voz: — E em França?

O Orador: — Em França foram os erros da velha monarchia.

Mas em Portugal foram os erros do partido regenerador quem deu alento á causa republicana.

Já havia idéa republicana, mas não havia o partido

organizado e prompto a entrar em combate como agora entra.

Os partidarios d'essa idéa eram só republicanos no seu gabinete de estudo.

Formi, repito, os erros accumulados dos differentes ministerios regeneradores que fizeram nascer o actual partido republicano.

É sabido que os partidos avançados engrassam com os desatinos dos monarchicos.

Que admira pois, que o sr. Consiglieri Pedroso queira ver á frente da administração publica um ministerio que em vez de ser uma garantia de ordem e liberdade, como inquestionavelmente é o actual, seja antes um incentivo para a propaganda democratica?!

Tambem a meu nobre amigo o sr. Jacinto Candido se referiu á questão agricola e ao congresso de proprietarios e agricultores que ha pouco se reuniu n'esta capital.

Sr. presidente, eu reputo a questão agricola tão importante, desejo tanto abster d'ella qualquer idéa partidaria, que é sempre com profunda mágoa que eu vejo fazer politica com um tal assumpto. (Apoiados). Queris sinceramente que afastassemos para longe d'estes debates partidarios tão importante questão. (Apoiados.) de que depende talvez o futuro do paiz. (Apoiados). Quizera que todos os verdadeiros patriotas, todos aquelles que reputam a agricultura o nosso unico recurso, se congregassem o unissem, como um só homem para dar força ao governo, a qualquer governo, que queira remediar o mal de que todos nos queixamos. (Apoiados).

Se eu amanhã me sentar nos bancos da opposição, creio o illustre deputado que será sem hesitação que eu hei de offerecer o meu humilde concurso a um governo meu adversario que queira resolver da melhor fôrma a questão agricola. Não me fallarão assumptos para o combater; esse nunca o escolherei.

As poucas vezes que no anno passado fiz uso da palavra n'esta camara foi unicamente para expor as minhas idéas acerca da questão agricola, que sempre reputo muito importante.

Fiz o que pude, desempenhei como soube a minha missão; mas a camara toda pôde testemunhar que das ligeiras considerações que a tal respeito fiz, afastei sempre a idéa partidaria. (Apoiados.)

Na discussão d'este projecto de respostas ao discurso da corda, por isso mesmo que elle naturalmente tem um caracter politico, eu não tencionava fallar na questão agricola, tal é o desejo que tenho de que nem se suspeite das minhas intenções.

Levaria por diante o meu proposito se uma phrase do sr. Jacinto Candido me não obrigasse a protestar.

Eu fiz parte do congresso agricola e assisti a quasi todas as suas sessões. Discordo de algumas conclusões dos relatorios das sessões d'esse congresso, mas felicito-me por assistir á sua realisação, porque para mim esse congresso teve um altissimo valor - foi uma imponente manifestação de força da parte de uma importante classe, que parecia dormir o somno da indifferença. (Apoiados). Por isso eu não posso deixar passar sem o meu energico protesto a affirmação feita pelo sr. Jacinto Candido de que n'aquelle congresso havia espirito aggressivo contra o governo e contra todos os poderes estabelecidos.

Foi muito outra a attitude do congresso. (Apoiados). Elle não tinha espirito aggressivo nem contra o governo, nem contra os poderes estabelecidos (Apoiados).

(Interrupção do sr. Jacinto Candido)

Está v. ex.<sup>a</sup> enganado. No proprio facto da reunião do congresso está a prova de não haver tal desanimo da parte dos agricultores, não se reuniam tão numerosamente para solicitar dos poderes publicos a protecção de que carecem. (Apoiados).

S. ex.<sup>a</sup> tambem se referiu á questão do limite da percentagem que as camaras e juntas de parochia podem lançar sobre as contribuições do estado, lamentando a este respeito, que os oradores d'este lado viessem invocar precedentes.

Eu tambem condemno o precedente como arma de combate; reputo liberrimo o uso d'ella, mas acho-a pouco generosa.

Mas quando o precedente é invocado, não como retaliação, mas como causa determinativa dos nossos actos, acho então, não legitima mas necessaria, a sua intervenção na discussão. (Apoiados.) E este o nosso caso.

Pela minha parte, enquanto s. ex.<sup>a</sup> me não demonstrar que cinquenta ou vinte e cinco são iguaes ao infinito, reputarei mais vantajoso para a propriedade e para o contribuinte o actual rodigo, o qual fixa ás camaras municipaes e ás juntas de parochia o limite das percentagens, que o codigo de 1878 que permittia que aquellas corporações tributassem illimitadamente o contribuinte. (Muitos apoiados.)

A verdade é que as camaras municipaes leem certas despesas obrigatorias que as forçam ao lançamento de uns certos impostos, de que não podem prescindir. Mas essas despesas não foram creadas pelas actuaes vereações; (Apoiados) são legados que lhes ficaram das transactas, que na sua grande maioria eram regeneradoras. (Muitos apoiados.)

Foram ellas que seguindo os louvaveis exemplos que lhes vinham de cima, atulbaram as secretarias de empregados (Apoiados.) e encheram de fiscoes estradas que ás vezes ainda nem existiam. (Apoiados.)

E' claro que as vereações actuaes chamadas a gerir os negocios dos municipios, ou haviam de praticar a barbaridade de demittir essas empregados, e então tropeçariam contra ellas as illustres deputados da minoria, ou haviam de honrar os compromissos dos seus antecessores, e n'esse caso era urgente facultar-lhes os meios de fazer face a despesas que não crearam. (Apoiados.)

Referir-me-hei agora muito de passagem a outro ponto do discurso do illustre deputado. S. ex.<sup>a</sup> lamentou o attentado de que foi victima o grande escriptor, o brilhante jornalista, o notavel parlamentar e meu querido amigo o sr. Pinheiro Chagas. Tambem eu lamento profundissimamente esse facto, que tão funestas consequencias podia ter trazido (Apoiados.) e que sobressaltou o paiz inteiro. (Apoiados.) Tenho-me associado a todas as manifestações que esta camara tem feito em honra d'aquelle notabilissimo talento que honra o nome portuguez (Apoiados) a quem eu devo uma das maiores distincções da minha vida.

O illustre deputado disse que a este respeito, a respeito das causas d'esse attentado, levantava uma interrogação. O provado cavalheirismo de s. ex.<sup>a</sup> obrigou-o porém, a rodear essa interrogação com considerações laes, que lhe tiram o caracter injurioso que, posta em outras condições, ella teria (Apoiados.)

O sr. Jacinto Candido: — Eu não puz interrogação: justifiquei aquelles que a tinham posto.

O Orador: — Embora s. ex.<sup>a</sup> diga que justificou, eu não acredito que justificasse. O illustre deputado o que disse foi que o facto da aggressão se deu. Infelizmente isto é mais que verdade. (Apoiados) Acrescentou que não acreditava que o auctor d'esse vilissimo facto fosse um emissario, mas que podia ser um progressista ou um regenerador. Ora, francamente, que importância tem isso para o caso? (Apoiados.) Que seja um progressista, que seja um regenerador, que seja um legitimista ou que seja só, como me parece, um anarchista, procedendo pelos proprios impulsos, é sempre um criminoso. (Apoiados.) Só isso. (Apoiados.)

A justiça de certo não lhe augmenta ou diminue ape-

nalidade pelo facto das suas opiniões politicas. (Apoiados.)

Sr. presidente, aquelle governo que ali se senta é réu de todos os crimes. De tudo tem sido accusado. Para nada faltar, até o illustre orador e distincto jurista que abriu este debate, o sr. Dias Ferreira, por quem eu tenho toda a consideração, não se esquecer de fallar em violencias eleitoraes. Se a camara m'o permittir, eu vou ler um trecho do discurso de s. ex.<sup>a</sup>:

« Nas ultimas eleições a monteria eleitoral excedeu tudo quanto até ahí se tinha feito. Não se contentou o governo em pôr ao serviço das eleições o administrador do concelho e todos os delegados do poder executivo.

« Em nome das eleições até os escrivães do direito ficaram sem garantias. Então o dinheiro para estradas, para as egrejas e para todos os actos de corrupção não faltava, etc., etc.»

Ora, sr. presidente, eu creio profundamente na verdade d'estes horrores! Mas consinta v. exc.<sup>a</sup> que eu me prostre, admirado, perante a coragem e abnegação do eleitor portuguez que soube reagir contra todas essas prepotencias, conseguindo trazer ao parlamento tantos deputados opposicionistas. (Riso. — Apoiados)

Anda por ahí a dizer se que o eleitor em Portugal não tem a consciencia dos direitos. Erro, perfeito erro! (Riso.)

Veja v. exc.<sup>a</sup> como elle luctou contra os despotismos do governo e como elle soube mandar cá todos estes illustres deputados da minoria e até seis de accumulção. (Riso. — Apoiados) Pois note v. exc.<sup>a</sup> que em Hespanha nunca vingou mais que uma ou duas candidaturas de accumulção! (Apoiados.)

Sobretudo, sr. presidente, eu admiro a nobre coragem dos eleitores de Aveiro, onde essas violencias deviam ter sido terriveis, e que, não obstante, elegeram o sr. Dias Ferreira, dando-lhe assim occasião a vir com a sua palavra auctorizada combater os despotismos do governo. (Apoiados. — Riso.)

Vou terminar porque a hora vai adiantada e não de-seje abusar da benevolencia da camara. Antes, porém, consinta-me v. exc.<sup>a</sup> que eu me refira ainda a outra parte do discurso do sr. Dias Ferreira, onde s. ex.<sup>a</sup> diz que a maioria vota, mas não está contente. Pela minha parte devo declarar que voto, porque estou contente (Apoiados.) Não duvido mesmo constituir-me procurador de toda a maioria para declarar que ella vota e está contente. (Muitos apoiados.)

A maioria está contente porque, filha do partido progressista, como o governo, vê continuadas nos bancos do poder as tradições de moralidade e justiça, que são o apanagio e o timbre do nosso partido. (Muitos apoiados.)

A maioria está contente porque vê o nosso credito restaurado. (Apoiados.)

A maioria está contente porque vê no governo a na pessoa do nobre presidente de conselho uma garantia de ordem (Apoiados.) como já foi confessado por um dos chefes do partido regenerador. (Apoiados.)

Eis a razão do voto da maioria. (Muitos apoiados.)

Se não estivessemos contentes, em vez de dizer ao gabinete que fique e que governe, como agora lhe dizemos, teriamos a coragem de o aconselhar a que abandonasse o poder, e iriamos todos — elle e nós — para as cadeiras da opposição luctar pela nossa fé (Apoiados.) Mesmo n'esse momento restar-nos-ia a consolação de que honrámos o poder enquanto o possuímos. Entregar-lhes-iamos os fundos a 59, como em 1881, depois da honrissima gerencia do sr. Barros Gomes, lh'os entregamos a 52 para serem em seguida arrastados até 44! (Muitos apoiados.) — Tenho dito.

Vozes: — Muito bem, muito bem.

(O orador foi muito complimentado)



